IMAGENS DE UMA RURALIDADE: ELEMENTOS DO SUBSTRATO SOCIAL DE CONSTITUIÇÃO DE UM COTIDIANO

Eliziane Nicolodi Francescato **Ruiz**¹

Vilma Constância Fioravante dos **Santos**²

Tatiana Engel **Gerhardt**³

Introdução

O rural, para além de uma palavra que evoca a conotação daquilo que é distante, é um espaço carregado de sentidos e interesses. O rural pode ser entendido como um espaço que tem sofrido profundas transformações de processos sociais globais, como o maior acesso a signos da modernidade como a televisão e a internet, a mecanização da agricultura e a desvalorização dos saberes locais em nome do plantio extensivo; mas que não pode ser uniformizado como um espaço liso, sem particularidades e diversidades. O homem simples do rural (Martins, 2011) ainda mantém laços sociais e simbólicos com a tradição camponesa (Wanderley, 2009). O que pode ser compreendido em paralelo à reflexão de que no rural há a constante resistência àquilo que a modernização traz de mais corrosivo e destruidor, não por restaurações de um mundo agrícola idealizado, mas por mediações constantes que oferecem possibilidades de superação e reinvenção de laços e relações (Martins, 2014).

Um ponto importante destacado por Wanderley (2000) é a interferência das relações sociais sobre as práticas e representações do rural. Nesse sentido, o rural se apresentaria [...] “como um espaço suporte de relações sociais específicas, que se constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre este mesmo espaço e que, portanto, o conformam enquanto um singular espaço de vida” (Wanderley, 2000: 297).

Ao se buscar aproximações com algumas análises de relações que ocorrem nesse espaço observa-se que elas se propõem a explorar o rural em suas normas que instituem, além de valores, sociabilidades próprias e um modo de vida baseado em categorias como terra, família e trabalho (Sabourin, 1999; Menezes, 2006). Cabe, no entanto, assinalar que, para alguns autores, as modificações no rural e em sua relação com a

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

sociedade estão em constante transformação dadas as exigências de novas formas de organização para dar conta de demandas (inclusive impostas pelo Estado). Mas, contudo, também haveria permanências ou adaptações no modo de vida e valores a serem considerados (Menezes, 2006).

Henri Mendras, em importantes estudos com camponeses, chama a atenção para algumas características que marcaram por muito tempo tais comunidades: relativa autonomia em face da sociedade global; a importância estrutural dos grupos domésticos; um sistema econômico de autarquia relativa; uma sociedade de interconhecimento e a presença de mediadores entre a sociedade local e a sociedade global (Mendras, 1978). O interconhecimento, marcado por relações próximas e de alto grau de conhecimento entre as pessoas da comunidade, além dos fortes laços de parentesco e vizinhança, são importantes características que ainda aparecem no espaço rural e se apresentam como objetos interessantes a serem analisados para os fins deste estudo.

O rural é hoje, conforme Wanderley (2009), um lugar de confluência de diferentes atores que se relacionam confrontando discursos sobre a ruralidade, disputando as instâncias locais de decisão e o uso do espaço rural. Esses atores sociais, conforme a mesma autora, são caracterizados a partir da sua afinidade com o espaço rural, sendo eles: agricultores e trabalhadores rurais (que povoam o rural e fazem dele um lugar de vida e de trabalho); o Estado (com influência a partir de suas políticas sociais - dentre as quais se destacam as da agricultura, de seus representantes, agentes e instituições de serviços diversos); agentes de movimentos e organizações sociais, igrejas, associações comunitárias (representando grupos de forças sociais locais); além das empresas, agroindústrias e cooperativas (que atuam na dinâmica econômica do espaço).

Assim sendo, a conformação do rural como um espaço de vida sofre diversas influências, havendo vários interesses em jogo, capacidades e disponibilidade de recursos (materiais e sociais) e, com isso, diferentes possibilidades de representação e negociações que nele atuam e o conformam. Isso, por sua vez, chama a atenção para a necessidade de observação das dinâmicas da ruralidade a partir dos atores e relações construídas nas redes sociais que são tanto internas quanto externas ao rural.

O presente texto analisa imagens do rural que revelam, partir das configurações da paisagem e dos elementos que constituem um cotidiano, as marcas das relações sociais e da ruralidade do lugar Rincão dos Maia. Na sua história, formas de trabalho e de sociabilidade, retratadas em imagens, há a expressão de valores que configuram a ruralidade do Rincão dos Maia, município de Canguçu, Estado do Rio Grande do Sul, enquanto um espaço de vida.

Distante aproximadamente 274 quilômetros de Porto Alegre, a capital do Estado, Canguçu está localizada no âmbito geográfico da Zona Sul do Rio Grande do Sul. A população atual do município é de 53.259 habitantes, a maior parte dela (65,6%) reside no rural (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2010) e sua divisão é composta de cinco regiões: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º Distritos, possuindo 120 localidades rurais no total (Riquinho, 2009). A localidade rural Rincão dos Maia, que constituiu o lócus desta pesquisa, situa-se no 1º Distrito, a aproximadamente 12 quilômetros da sede do município de Canguçu.

O texto está organizado da seguinte forma, inicialmente apresentamos o rural sobre o qual temos nos debruçado em nossos estudos, posteriormente nos dedicamos a apresentar valores que configuram esta ruralidade enquanto um espaço de produção de vida transcrito nas imagens captadas localmente e, para finalizar, deixamos algumas considerações sobre a potência que as imagens possuem para desvendar modos de vida como o rural.

Antes de adentrar na discussão, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que a apreensão que construímos do rural foram sendo tecidas a partir da análise de imagens que compuseram a Exposição Fotográfica: *Abordagem interdisciplinar: paisagens, pessoas e vidas rurais – região sudeste Rio-grandense*⁴ (Gerhardt et al, 2015), do olhar etnográfico apresentado por Ruiz (2013), bem como dos diálogos e

⁴ A exposição é constituída de fotografias de áreas rurais da região sudeste Rio-grandense que ilustram paisagens e naturezas, patrimônio cultural, dádivas, trabalho, produção e vidas rurais. As imagens foram capturadas pelos pesquisadores do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Meio Ambiente e Desenvolvimento (GRIMAD) e do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva (GESC) durante as pesquisas realizadas no âmbito do Programa Interdisciplinar de Pesquisa (PROINTER) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS) e apresentam cenários rurais para além de um espaço apenas agrário. As fotografias selecionadas procuram dar visibilidade para o rural como um espaço de vida evocando paisagens e pessoas, que constituem esse espaço e são por ele constituídas. O acúmulo de trabalhos de pesquisa em uma mesma área empírica possibilitou reflexões sobre a multidimensionalidade das relações entre o rural e o desenvolvimento. As fotografias trazem alguns desses elementos que caracterizam a diversidade de paisagens, pessoas e vidas rurais e podem ser visualizadas em <https://gescufrgs.wordpress.com/2014/04/14/exposicao-fotografica-vidas-rurais/>.

construções que fomos tecendo enquanto grupo de pesquisa. Enfim, o que buscamos aqui é compartilhar experiências etnográficas, de alteridade e de constituição de uma escrita sensível de um cotidiano rural que foi se tornando próximo de nós a partir de 2008 nas idas e vindas a localidade realizadas em função de pesquisas, e que se intensificou em 2011 com o estudo de Ruiz (2013). Sobre a imersão no cotidiano das pessoas, foi participando dos instantes do trabalho, do comer, do descanso, da festa, da ida ao serviço de saúde, que tornou possível etnografar a densidade da vida das pessoas no rural Rincão dos Maia. Ao imergir nesse lugar e compartilhar do seu cotidiano, foi possível, conforme discute Brandão (2006: 5), "[...] com-viver, com-sentir, pensar-com, em busca de aprendizados densos e difíceis [...] de substâncias de vidas e de seus mistérios, contradições, misérias, generosidades e conflitos".

1. Um rural de Canguçu que se chama Rincão dos Maia: um singular espaço

Para se chegar até a localidade há dois caminhos de estrada de chão, ambos recortados por morros e curvas. Um deles, por dentro da cidade, e outro pela estrada de asfalto que dá acesso à cidade de Pelotas. Independente do caminho, o que se vislumbra em todo o trajeto são igrejas e sedes comunitárias demarcando as localidades; pequenas propriedades, com casas próximas umas das outras; plantações; alguns animais pastando e pessoas circulando, principalmente de motocicleta. Em alguns momentos do dia, também é possível encontrar ônibus que circulam pelo interior⁵, indo ou vindo da cidade, ou, ainda, levando ou trazendo as crianças das escolas rurais (Figuras 1, 2, 3 e 4).

As imagens deste rural são diversas, tanto quanto a diversidade de possibilidades de composição em relação aos elementos da paisagem (naturais e da ação humana) quanto das transformações que as estações do ano provocam.

⁵ Interior é um dos termos utilizados pelas pessoas de Canguçu (tanto do urbano quanto do rural) para se referirem ao rural.

Figura 1: Caminhos que levam ao Rincão dos Maia.

Figura 2: No interior do Rincão, caminhos de pesquisa com suas flores e cores da primavera.

Figura 3: Cores frias na paisagem do inverno.

Figura 4: Em relevo acidentado e distante, pequenos animais representam possibilidades econômicas, mas também relações próximas com as pessoas.

O Rincão dos Maia, do mesmo modo que ocorreu em Canguçu como um todo, possivelmente foi fruto de desmembramento de uma sesmaria, passando a pertencer a uma única família de sobrenome Maia que, com o tempo, foi repartindo a terra entre herdeiros que, por sua vez, foram vendendo seus quinhões (Fialho, 2005). Quanto à origem étnica dos moradores da localidade, e o que aconteceu na região, aparecem índios tapes e, em seguida, portugueses, espanhóis e negros. Posteriormente, em menor número, chegaram os alemães e algumas famílias de italianos (Bento, 1983; Fialho, 2005). Hoje, a localidade tem uma paisagem que é fruto do desmembramento da sesmaria e da mescla étnica, sendo recortada por pequenas propriedades. As imagens a seguir nos mostram as dobras do relevo característico do sudeste Rio-grandense e as porções de terra desnuda que indicam as divisões das pequenas propriedades. Além de sua estética que nos convida permanentemente a fazer incursões a este cotidiano (Figuras 5 e 6).

Figura 5: As dobras do relevo do Rincão: beleza e desafios no cotidiano.

Figura 6: Subidas e descidas, diversidades e distâncias.

A paisagem deste rural é constantemente entrecortada pela mão do morador do Rincão dos Maia construindo estradas e pontes, nem sempre acompanhadas pelos maquinários da prefeitura, mas necessárias para o acesso ao território acidentado (Figura 7). Há um trânsito permanente de pessoas do rural pra o urbano, facilitado por uma linha de ônibus que percorre algumas das estradas. Isto denota a inserção da localidade em uma sociedade mais ampla ou, quem sabe, a dependência, em maior grau do rural em relação ao urbano. Essa dependência aparece principalmente na busca pelo acesso a serviços, como os de atenção primária à saúde, concentrados na cidade, e a busca por mantimentos para satisfazer as necessidades das famílias. Necessidades essas que vêm se ampliando cada vez mais, acompanhando a dinâmica da sociedade como um todo.

Figura 7: Lugares que permitem ir e vir.

Outro elemento da paisagem que se destaca são as plantações de tabaco que criam uma nova estética à localidade, especialmente em determinadas épocas do ano em que o fumo está verde. Nas imagens seguir (Figuras 8 e 9), é possível visualizar o quanto a produção de tabaco foi assumida por quase a totalidade dos moradores. Entretanto, esta paisagem nem sempre foi assim, em outras épocas o que prevalecia eram as plantações de pessegueiro imprimindo uma estética rosa que se perdia ao longo das colinas (figura 10).

Figura 8: Verde que te quero verde: o fumo na quase totalidade do Rincão.

Figura 9: O modo de produção do fumo recriando a paisagem.

Figura 10: Flores de pessegueiros cada vez mais raras. O pêsego cede lugar ao fumo.

A relação com o fumo foi o que impulsionou a busca por aprofundar as análises do trabalho com a terra como uma categoria importante na vida desse rural. Sendo Rincão dos Maia caracterizado por ter o maior número de pequenos estabelecimentos familiares no município de Canguçu, com áreas totais entre sete e 10 hectares (Fialho, 2005), a saída dos produtores para ter garantida a venda de seus produtos pareceu ser, conforme os relatos que se ouviu, a de plantar fumo e de se integrarem às empresas de tabaco, mesmo com todos os entraves que se impõe a esta forma de trabalho e cultivo.

A modificação da paisagem e dos modos produtivos, no entendimento dos moradores da localidade, ocasionou melhorias nas condições de vida, hoje está muito mais fácil morar no rural, pois antes não havia luz, não havia técnicas e equipamentos para se trabalhar na lavoura. Havia muita dificuldade no inverno, as pessoas viviam com roupas feitas do tecido dos sacos de mantimentos, sem sapatos, com casas de palha e sem piso. “Tanta coisa assim que melhorou. A pobreza era horrível naquele tempo, tu já viu? Quantas pessoas ficavam velhas e nem uma casinha não tinham para viver”, comenta dona Paula, uma das nossas interlocutoras. Consideram que hoje “tudo está mais fácil”, e mesmo com toda a dificuldade que é trabalhar na lavoura, com o produto pouco valorizado, “é bem melhor”, é “menos sofrido” viver no rural, pois têm a

possibilidade de moradia, a certeza da aposentadoria, trabalho e menos violência, concluem.

Falas como esta, sobre dificuldades que ficaram no passado, apareceram também nos relatos de outras pessoas do Rincão que são mais velhas, revelando que a localidade já não é mais como antes, dando pistas que esse rural está em constante transformação, mas integrando a um passado que se apresenta constantemente.

A estrutura da localidade, atualmente, conta com escola de ensino fundamental completo, igrejas católica e evangélicas pentecostais (não há igreja luterana), uma sede de associação comunitária, além de um posto de saúde que, no entanto, passa a maior parte do tempo fechado. O surgimento dessas instituições (Figuras 11 e 12), como relataram algumas pessoas que participaram da sua fundação, foi iniciativa dos próprios moradores, que “amassaram o barro para a construção das paredes da escola e do posto de saúde com os próprios pés”.

Figura 11: A escola e o posto de saúde como fruto das relações de parceria.

Figura 12: A Igreja Católica materializa também construções coletivas.

Enfim, estreitando-se as aproximações com a localidade, potencializadas pelas imagens apresentadas ao longo do texto, percebeu-se que o Rincão dos Maia e sua gente tiveram um passado, nas palavras dos seus moradores, “difícil e pobre” e que, considerado um lugar onde se ancoram vidas, é, hoje, “um paraíso de lugar”, como expressou dona Rosa (Figura 13). E, assim, com base justamente nesses elementos desvendados pelas imagens e discursos dos moradores sobre o cenário de vida, é que surgiram categorias que consideramos explicativas para trazer à tona esse rural.

Figura 13: Rincão dos Maia: "um paraíso de lugar".

Compete destacar que o que se propõe nomear de categorias são, em verdade, características que falam sobre a identidade coletiva e atravessam o lugar, tornando-o, nas palavras de Wanderley (2009: 297), um "[...] singular espaço de vida". Algumas das categorias, ou seja, elementos que expressam valores e configuram a ruralidade do Rincão dos Maia enquanto um espaço de vida e que emergiram nas imagens, então, são: a vizinhança e a família, o trabalho e a relação com o Estado e as políticas públicas.

1.1 Marcas da organização social: a vizinhança revelada na distribuição das casas e a família na estética do cemitério

Antes mesmo de se adentrar na dinâmica da família retratamos qual noção de família é partilhada pelas pessoas. Observou-se que, para além de compartilhar incondicionalmente a consanguinidade, ou ser da mesma carne, como disse uma de nossas interlocutoras, a família é composta por sujeitos dos quais se espera e se pode dar, receber e retribuir outros bens tanto materiais quanto imateriais. Isso inclui tanto relações imediatas, com a família nuclear, quanto as que não são tão imediatas, como a família extensa. Assim, até mesmo aqueles com quem não se mantêm necessariamente laços consanguíneos, como no caso da união marido-esposa, dos vizinhos e dos irmãos

que são assim denominados por compartilharem a mesma religião, e dos apadrinhamentos, emergem relações que dão os ares aos familiares. Essas relações revelam que a rede familiar compõe-se por aqueles em quem, para além da obrigação do sangue, há a liberdade e se confia para vincular-se.

Para a análise das relações internas entre as pessoas foi interessante atentar para as casas, em sua distribuição e limites, assim como para a estética do cemitério.

a) Distribuição das casas: a espacialização da vizinhança e vida em comum

Olhando-se para a paisagem e, mais atentamente, para a distribuição das casas (Figura 14), é possível perceber que, no Rincão dos Maia, elas são relativamente próximas umas das outras, diferentemente do urbano e das representações que se têm do rural como sinônimo de isolamento. Não há barreiras, por exemplo, cercas, que impeçam a circulação das pessoas, e grande parte delas são construídas próximas das estradas. Olhando-se para algumas das imagens captadas na localidade, a impressão que se tem é de que ela parece uma pequena "cidade", com construções não tão distantes uma da outra, expressando as características das propriedades que preenchem todos os espaços e são pequenas em suas áreas.

Figura 14: A espacialização da vizinhança.

Contudo, diferente do urbano, há poucos limites — muros ou cercas — entre as propriedades e destas com as estradas, o que denota um território mais permeável e transitável do que no urbano (Figura 15 e 16).

Figura 15: "Tá vendo aquele pessegueiro ali? Dali pra adiante é do Chico, e pra cá é nosso".

Figura 16: Os limites entre a casa, o pátio e a estrada são tênues.

Os limites, como demonstrou dona Alzira, em uma das tantas caminhadas que se fez para ver as plantações da família, são feitos pela junção da natureza com pessoas (Figura 17). Ao perguntar-lhe até onde ia sua propriedade, ela respondeu: “tá vendo aquele pessegueiro ali? Dali pra adiante é do Chico, e pra cá é nosso”. As fronteiras são, portanto, tênues, do mesmo modo o são as barreiras que os separam uns dos outros. Essa parece ser uma janela interessante para apreciar as relações entre as pessoas no rural, as famílias e a vizinhança, assunto que se discutirá mais adiante.

Figura 17: O pêssego resistindo ao lado do fumo.

A partir das imagens observa-se o quanto a vida no lugar é partilhada por todos. As pessoas se percebem sendo próximas umas das outras, mesmo estando cada uma em sua casa; sabem que não estão sós. Ao perguntar a uma das interlocutoras, que ficava muito tempo em casa, se não tinha medo de ficar sozinha, principalmente à noite, ela respondeu que não, pois lá “todos se conhecem”. Além disso, arrematou, os vizinhos estão sempre na “volta, ajudando, mas também atrapalhando”, assim como a família.

A proximidade revelada na materialidade das casas, sem fronteiras e localizadas à beira da estrada, com todos atentos à mobilidade, demonstram o quanto as pessoas se posicionam para fazer circular a imaterialidade que as vincula como um grupo. A materialidade e a imaterialidade compartilhadas oferecem abertura para exercitarem

controles e vigilância coletiva, todos atentos ao comportamento de todos, o que, nesse sentido, tanto ajuda, pois se pode contar com o vizinho, quanto atrapalha, considerando-se que não se pode ser totalmente autônomo nas atitudes, havendo princípios a serem seguidos.

Outros autores também falam sobre essa vigilância constante que há entre os moradores de comunidades rurais. Ramos (2007), a partir da experiência de estar, ao mesmo tempo, na posição de pesquisadora e nova moradora (de fora) de uma localidade rural próxima ao litoral do Rio Grande do Sul, fala dessa percepção de estar sendo vigiada por onde passava, e do estranhamento que isso lhe causou inicialmente. Essa autora relata que ao se deparar com outros estudos, como o de Woortmann (1992), foi percebendo que aquilo que tanto a incomodava - o controle coletivo - dizia respeito, em verdade, a uma privacidade diferenciada entre o urbano e o rural.

Destarte, ao se falar em privacidade é impossível não incluir na discussão as categorias sociológicas de casa e rua propostas por DaMatta (2000). Para esse autor, essas duas palavras não indicam, simplesmente, espaços geográficos, mas entidades morais, esferas de ação social. Na casa, espaço privativo, com seus perímetros demarcados fisicamente, é onde se deve e pode-se ter opinião, dar conselhos, chamar a atenção do outro. Já, na rua, espaço do anonimato e do impessoal, isso não ocorre. No entanto, em se tratando desse rural, em que as fronteiras são tênues, o espaço da casa e da rua parecem não formar propriamente dualidades, mas espaços que, até certo ponto, se mesclam. De fora se sabe o que acontece dentro e de dentro se vigia o fora.

A revelação sobre o modo de ser da família no Rincão dos Mais foi alcançada a partir da análise da estética do cemitério, apresentada a seguir.

b) O cemitério e sua estética: a família como um valor e uma referência a ser preservada

A família como um valor, explica um modo de ser camponês e pode ser observada quando se analisa a estética dos cemitérios com suas cores intensas e flores de plástico (Figuras 18). Essa atenção com o túmulo do parente falecido denota a atenção que se têm com a família. Preservar o túmulo com objetos, oferecer flores ao parente falecido é investir na família e no que ela representa. Ao passar na frente do cemitério em companhia de alguém da localidade era impossível não expressar o quanto

o colorido daquele lugar chamava a atenção. Certo dia, uma das interlocutoras disse: [...] “ah é, se não deixar tudo bem arrumado, as pessoas saem falando”.

Figura 18: Cores, cuidado e respeito com a família: relações que permanecem.

Em conversa com um líder religioso, responsável por realizar as missas da igreja católica, ele comentou que a família é “a base, a primeira comunidade”, ocupando lugar de destaque na sociabilidade. Esse lugar da família é também compartilhado pelas pessoas da localidade. Dona Paula, mesmo praticando outra religião, fala do quanto os filhos são importantes. Para ela o “amor de mãe só vem depois do amor de Deus”.

Com base na estética do cemitério, percebe-se que, enquanto grupalidade, propaga-se o princípio da responsabilidade em manter viva a referência familiar. Mesmo enredando as pessoas em torno das obrigações, a rede da família é central, pois, além de viabilizar apoio, atua sustentando a percepção e o modo de ser no mundo (Sarti, 2010). O comentário de um interlocutor, ao falar sobre o quanto tem aprendido com os mais velhos a ter paciência no cuidado de um familiar doente, esboça muito bem o quanto essas relações são referências para o viver: [...] “a gente como é mais novo de experiência de vida, os mais velhos, familiares e vizinhos, já têm uma visão do que aconteceu, de como tratar, conversar, aí eles já vêm e conversam”.

A alusão às pessoas antigas na comunidade não vem somente no nome de pequenas estradas que cortam a localidade, mas também em espaços coletivos como o cemitério, abaixo a fotografia mostra que a entrada do cemitério tem um nome próprio, provavelmente em alusão a uma figura importante na localidade (Figura 19 e 20).

Figura 19: Entradas e entradas ao cemitério: nem todos têm as mesmas possibilidades.

A imagem da entrada do cemitério também revela formas de organização social mais amplas, pois esse espaço da entrada serve também de capela para o velório daqueles que não pagaram o dízimo da Igreja Católica. Já os membros contribuintes da comunidade são velados na Igreja Católica, localizada próximo ao cemitério. Ao mesmo tempo em que existem laços de solidariedade, proximidade entre as pessoas, reveladas nas imagens anteriores, também existem formas, mecanismos de diferenciação social, próprias desta ruralidade.

Figura 20: Arranjos organizativos que aproximam e distanciam moradores.

1.2 Do SUDESUL ao fumo: a coletividade se estruturando no trabalho e reconstruindo sociabilidades

Para apreender a dinâmica das relações que se estabelecem em torno do trabalho no Rincão dos Maia, localidade fundamentalmente representado pela prática agrícola da fumicultura, cada vez mais integrada ao mercado e à indústria do tabaco, optou-se pela análise de bens representados pela materialidade dos cultivos — o pêssego e o fumo.

Isto trouxe a reflexão de que, em se tratando do rural, é preciso fazer referência a um universo integrado ao conjunto da sociedade e ao contexto atual, porém, mesmo fazendo parte de algo maior, nutre particularidades que o imprimem como uma realidade própria, que apresenta, inclusive, pessoas com um modo próprio de viver e se relacionar (Abramovay, 1998; Menezes, 2006).

Indo-se ao encontro da ideia de não separação do rural e da sociedade que o engloba, mas que também nega a possibilidade do rural como *continuum* da sociedade e do urbano, buscou-se abrigo em Carneiro (1998). Essa autora defende a possibilidade de compatibilidade entre a inserção do rural na dinâmica de modernização da sociedade e a manutenção dos valores camponeses que o compõem, sua visão de mundo e formas de organização social definidas em contextos socio-históricos específicos. Isso traz consigo a alternativa para que se possa olhar para o rural e para a categoria “camponês/agricultor” sem cristalizá-los em um modelo medieval e torná-los uniformes. Em outros termos, significa dizer que o rural tem capacidade para

acompanhar e se inserir nas mudanças mais gerais da sociedade e de novas ruralidades sem, contudo, perder alguns valores e pertencimentos que lhes são singulares, o que será analisado a seguir.

a) A história local se modificando pelo fumo: as conformações do trabalho pelo “desenvolvimento”

O trabalho no rural, talvez por ser a janela que mais largamente, e uma das primeiras a se abrir para a interface com o exterior, tenha sido o espaço do social em que as pessoas encontraram as melhores possibilidades para criar os novos signos de identificação e o prestígio. Entretanto, com a maior interface com a sociedade externa e a construção de novos referenciais identitários, vieram juntos modificações que, por um lado, foram positivas e, por outro, nem tanto.

Um dos marcos inicial de implantação de mudanças no Rincão, conforme destaca Fialho (2005), foi à ação, no fim da década de 1970 e início da de 1980, do Programa de Desenvolvimento de Comunidade, desempenhado pela Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul (SUDESUL). Esse programa possibilitou modificações no plantio para a conservação do solo, melhorias nas moradias — luz elétrica e água encanada — e, principalmente, o fortalecimento da ação social e da autoestima pelo trabalho. Contudo, visando reduzir a pobreza, o SUDESUL parece ter também aproximado os moradores das contradições inerentes ao pacote da produção moderna capitalista, como se discutirá a seguir.

Na medida em que as pessoas se organizaram em grupos com o intuito de participar do que foi proposto pelo referido projeto, mesmo que houvesse discórdias entre os participantes, as pessoas foram agindo coletivamente para mudar a realidade, impulsionadas tanto pelos preceitos religiosos de igrejas que já haviam se instalado na localidade quanto pela ação do SUDESUL:

[...] ai a gente convidava as pessoas para ajudar a trabalhar, né?! E convidávamos as pessoas e ai já começaram a se reunir: - Vamos lá, vamos trabalhar, vamos fazer isso e aquilo [...].Reunião para fazer calda sulfocálcica para banhar, pulverizar os pessegueiros. Se fazia aquelas reuniões e fazia aquele tonel, botava folha, fazia aquilo ali, para tratamento para o pessegueiro, né?! Ai ao invés de comprar fazíamos em casa. (Seu Lorenzo).

O SUDESUL, além de promover contatos com novas práticas agrícolas que viabilizaram melhorias nas propriedades e na subsistência, parece ter impulsionado modificações na forma de as pessoas do Rincão se relacionar. Como lembra Fialho (2005), ao agir em intervenções no formato de agregações⁶, o Programa incitou mexer nas relações, nos atritos e desencontros, que já eram motivo de incômodo internamente. Além disso, o programa levou alguns moradores para conhecer outras propriedades e, enxergando outras realidades, enxergaram-se enquanto grupo; e unindo forças foi capaz de conquistar visibilidade do poder público e inserção na sociedade. Seu Lorenzo e dona Rosa, sua esposa, falam das experiências com o programa:

Nossa turma, nosso grupo daqui foi, enchemos o ônibus, levamos nossas crianças todas juntas, passamos um dia lá. Fomos para Jaguarão, fomos para Pinheiro Machado, fomos para Caçapava. A gente que não tinha saído nunca para longe assim, é perto isso agora para a gente, a gente está vendo que é perto. [...]. Então, sempre assim, estudando coisas que poderiam ser aplicadas como desenvolvimento aqui, né?! Então, eles levavam o pessoal sempre assim a participar em busca de alguma coisa para cá. (seu Lorenzo).

A possibilidade de conformar um processo coletivo na localidade pode ser visualizada em duas fotografias guardadas com muito zelo e cedidas pelos moradores locais. Pelas fotografias é possível ver que o Programa mobilizava muitas pessoas e também como os grupos se organizavam. O grupo de trabalho conformado predominantemente por mulheres, na primeira fotografia, e por homens, na segunda figura (Figuras 21 e 22).

⁶ "Agregação" termo usado para denominar os encontros entre os produtores. Significa reunir, associar.

Figura 21: Grupo de mulheres SUDESUL, 1981.

Figura 22: Grupo de homens do SUDESUL.

Proporcionada a abertura pelo SUDESUL, para continuar a ter esperança⁷ no campo e experimentar o novo, as pessoas ousaram, se colocaram e têm se colocado diante de novos desafios. Prova está que muitos agricultores que cultivavam pêssego, dada a crise do setor, rapidamente aprenderam novas práticas, dentre elas o plantio do fumo, como comentou dona Rosa, e do moranguinho que vem, aos poucos, despontando. O que se

⁷ Usa-se a expressão "esperança" para falar de um sentimento presente entre os agricultores, considerando-se que a música cantada pelas pessoas nos encontros promovidos pelo SUDESUL chamava-se "O canto da Esperança". Ainda hoje as pessoas guardam cópias da música. Na letra da música outras expressões também aparecem: "vida no campo sem esmorecer", "trabalho", "união", sugerindo alguns temas que foram trabalhados pelo programa, na década de 1980.

apresenta hoje é o trabalho junto ao cultivo do fumo (Figura 23) que, ao substituir a fruticultura, vem sendo o principal produto da região.

Figura 23: Lavoura de fumo prestes a ser colhida.

De acordo com a fala de dona Rosa, é a partir da fumicultura que as pessoas têm encontrado alternativas para de se manter no campo e se incluir em uma sociedade em que é preciso ter “um dinheirinho a mais”. É com esse cultivo que os agricultores têm conseguido manter a família e o seu prestígio, se reproduzindo materialmente e até mesmo socialmente. Como afirma Sabourin (1999: 42), “[...] se para ser socialmente precisa dar; para dar é preciso produzir [...]”, o que está sendo possível com o fumo: uma alternativa às avessas.

Por outro lado, algo que se fez presente nas conversas das pessoas é que, mesmo a fumicultura sendo necessária, há fragilidades, o mal se sobrepondo ao bem. Observa-se, nesse sentido, que há conflitos postos que dividem os moradores em grupos: os que condenam a prática e outros que a praticam ou lhe são favoráveis. Há um grupo que defende a saúde e a sustentabilidade ambiental, e outro que vê no fumo a saída para sua sobrevivência material. As religiões também se juntam na formação de grupos que se organizam em torno do trabalho, pois, principalmente as evangélicas pentecostais, consideram o tabagismo algo a ser combatido, guiando seus adeptos a não praticar a fumicultura. Na imagem a seguir é possível verificar esta dinâmica ao ver os

pessegueiros resistindo ao cultivo do fumo que está na propriedade limítrofe (Figura 24).

Figura 24: Plantação de pessegueiros que ainda resiste ao tabaco.

Há, ainda, como já se disse quem deposite nessa prática a diminuição da circulação das visitas e de vínculos. Nesse sentido, as reflexões de Bauman (2005) também são úteis para a apreensão desse fenômeno. Esse autor relata que as rotinas e cenários atuais, do mundo do trabalho e de uma sociedade em que é preciso ter, vêm gerando cada vez mais competição, individualismo e diluição de vínculos. Assim, no esforço diário para se manterem à tona, esses agricultores, que em sua maioria dependem do fumo para o sustento, estariam conseguindo pensar apenas em um hoje (que sempre foi difícil) diferente para cada um, ao invés de um amanhã melhor para a coletividade que sustenta os vínculos.

Mesmo que o trabalho junto ao fumo venha modificando a relação desses agricultores com a terra, com o grupo, e os insira em relações de dependência não mais com o patrão, como no passado, mas com o mercado representado pela figura dos instrutores das empresas, cabe enfatizar que não há puramente expropriação e dominação. Observam-se, também, resistências e algumas adaptações no modo de trabalhar e viver em grupo que continuam, de algum modo, a fazer circular valores que propiciam a reprodução social através das gerações.

No que diz respeito ao saber fazer, à liberdade e à autonomia do trabalho que os caracterizam enquanto camponeses, como lembra Mendras (1978), esses valores não são excluídos totalmente. Mesmo que algumas práticas tenham sido deixadas de lado em função das orientações das empresas fumageiras, os agricultores encontram maneiras de não se anularem. Por conta própria, definem onde vai ser construída a estufa; analisam, e hoje sabem melhor do que o instrutor, a melhor forma de aproveitar o calor da estufa, adaptando-a também para secar o milho na época que não é utilizada para o fumo; e continuam a separar um canto da terra para plantar feijão, milho e cebola para sua subsistência e comercialização.

b) O espírito da coletividade: o *bem* e o *mal* circulando com as novas formas de trabalho

A paisagem do Rincão dos Maia verdejada de folhas de fumo tem múltiplos significados, relacionados à sua identidade e, também, com a forma de se relacionar com a terra e com o trabalho. Viver no campo e trabalhar na terra hoje denota, para a maior parte da gente desse rural, preocupar-se com a plantação, a colheita, a secagem e os rendimentos provenientes do fumo. Cada um sabe dos seus afazeres, compromissos com o banco e, principalmente, com a empresa do fumo que financia desde os insumos até a estufa. No dia-a-dia, tentam sobreviver, aparecer e superar as dificuldades com um modo de ser no trabalho que pertence a cada um, mas que, ao mesmo passo, é compartilhado por todos, considerando que cada um, batalhando por seu trabalho, dá prestígio não só a um, mas a todos do lugar.

No espaço da Associação Comunitária, que dá significado a esta identidade coletiva (Figuras 25 e 26), observa-se a relação de constituição deste coletivo por meio do cultivo do pêssego e do fumo e a conformação étnica da localidade. Essa conformação social, que materializou a organização coletiva dos moradores desde o SUDESUL, ganha também significado na dinâmica local atual quando, ainda, durante o trabalho de pesquisa na localidade, houve um acontecimento com uma família que desvelou como as instituições que representam a vida comunitária são mobilizadas frente a uma situação que demanda sua ação.

Figura 25: Associação Comunitária do Rincão dos Maia.

Figura 26: Símbolos da Associação Comunitária.

À noite, enquanto uma família dormia, a estufa que estava secando fumo pegou fogo, destruindo o galpão com todos os equipamentos de trabalho e o produto estocado para ser vendido. Nesse episódio, muitos vizinhos se mobilizaram na mesma noite para apagar o incêndio. Também houve um movimento de todos da comunidade a fim de arrecadar dinheiro para que a família pudesse refazer o trabalho e voltar a (re)produzir. Foi realizada uma rifa, a associação comunitária organizou um jantar, e a comunidade católica fez uma festa. Neste momento as instituições que representam o espírito da coletividade ganham novamente significado, a Figura 27 mostra que a festa da comunidade Católica teve muitos participantes.

Figura 27: Festa na Igreja: recriando sociabilidades e valores.

Com esse episódio, que representou ameaças na reprodução do trabalho, e, conseqüentemente, da família e do grupo, o espírito de comunidade pode ser renovado de modo que os moradores se mobilizaram e deixaram a rotina do plantio e da colheita de lado para participar das ações de demonstração de solidariedade com os afetados pelo incêndio. Uma vizinha não cobrou o arrendamento da terra; e outro, como comentou dona Esmeralda, mesmo com toda a dificuldade para sobreviver tirou uma nota de cinquenta reais do bolso para doar. Há interesses individuais marcados por disputas e grupaldades em torno da religião (como mencionado anteriormente nas imagens do cemitério) e das práticas agrícolas. Mas, ao mesmo tempo, há interesses

coletivos a serem preservados, ou seja, interesse pelo outro e pelo que ele oferece, em termos de manutenção da coletividade e das individualidades. Por isso, o que acontece a uma família e ao seu trabalho, diz respeito a todos.

Portanto, se com o trabalho não vem somente a reprodução econômica, mas também a reprodução social, e, consequentemente, o status de comunidade, como já se comentou, é também a partir do trabalho, ou melhor, em situações nas quais há a impossibilidade de trabalho, que surgiram recriações em termos da manutenção do que ele representa. Significa dizer, conforme o faz José de Souza Martins (2011: 57) na sua discussão sobre a sociabilidade do homem simples, que é "[...] nos instantes da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão".

1.3 As casinhas da prefeitura: a política pública no hiato entre a ação e sua intenção

Partindo-se da compreensão de que o Estado se concretiza na forma de políticas públicas, procuramos aqui abordar, como lembra Kuschnir (2007), não "o que" e "como" ele deve ser do ponto de vista das suas normas, mas, o "que" é e "como" atua do ponto de vista daqueles que as vivenciam. Isso significa desnaturalizar o Estado para além do holismo metodológico e discuti-lo como sendo permeado por contatos entre atores externos e internos que executam e que usam a política.

Com o entendimento de que a política se faz no cotidiano a partir da junção de atores, teve-se interesse em olhar para os bens que, sob a ótica dos interlocutores, foram postos em circulação pelas mãos dos agentes públicos. Os bens e suas imagens sob a forma das casas do programa “Minha casa, Minha Vida”⁸ e da Aposentadoria Rural, foram os que emergiram com destaque, e, por esse motivo, foram eleitos para representar a discussão sobre a dinâmica da política pública enquanto rede.

Nesse sentido, para se compreender de que modo as políticas públicas participam da vida dos interlocutores deste estudo, observaram-se bens, serviços e recursos materiais circulantes no contexto rural. O que se verificou é que os bens são, de

⁸ “Minha casa, Minha Vida” é um Programa habitacional é um programa do Governo Federal destinado, principalmente, às famílias de baixa renda, gerido pelo Ministério das Cidades e operacionalizado pela Caixa Econômica Federal. Consiste na aquisição de terreno e na construção de unidades habitacionais que, depois de concluídas, são destinadas a famílias urbanas e rurais.

um lado, passíveis de produzir cidadania⁹. Mas, de outro, podem ir à contramão da dignidade que os interlocutores fazem tanta questão de defender, o que acaba por excluir mais e incluir menos (Martins, 2011; Ruiz; Gerhardt, 2012).

O contexto histórico deste rural ao ser deixado à margem das decisões políticas que foram agindo na constituição da região e que fazem parte da história de vida dessas pessoas foram deixando marcas que, internalizadas tanto externamente quanto internamente (Figura 28), continuaram a classificar o pequeno agricultor como o “pobre, o carente que precisa de ajuda”. Somado ao estigma ao qual o Rincão foi subjugado, isso tem contribuído para que a gente desse rural seja, até hoje, tida não como pessoa de direito, mas como aquela que precisaria “ganhar” o acesso às políticas públicas. Fialho (2005) lembra que a história de grande parte das pessoas que se denominam “nós aqui da colônia”¹⁰ nasce de um processo desigual de distribuição de terras feito ainda pela Coroa Portuguesa. Esses processos da criação de territórios foram acompanhados de relações hierárquicas entre o patrão, que “doa” trabalho e terra, e os peões que, por sua vez, “ganham” do patrão seu sustento.

Figura 28: Arranjos internos e externos na moradia que revelam histórias de construção de uma ruralidade.

⁹ A cidadania, tal como aponta Santos (2003: 277), pode ser entendida como aquela que “[...] se constitui na obrigação política vertical entre o Estado e os cidadãos, como na obrigação política horizontal entre cidadãos”. Com isso, continua o autor, “[...] revaloriza-se o princípio da comunidade e, com ele, a ideia de igualdade sem mesmidade [sic], a ideia de autonomia e a ideia de solidariedade”.

¹⁰ “Colônia” faz referência à pequena extensão de terra que os camponeses utilizam para plantar.

Ouvindo-se os servidores públicos que executam os programas governamentais no município, dentre os quais se destaca o programa de habitação (Programa Minha casa Minha Vida), observou-se sinalizações que confirmam ações sob a forma de oferta generosa de bens para quem precisa. Trata-se, como expõe Sarti (2010), ao refletir sobre o lugar da família nas políticas de saúde, de idealizar de fora a comunidade e, de portas abertas¹¹, agir beneficiando aqueles que são mais carentes. Assim é que a ação pública emergiu da esfera local.

Pelo lado dos moradores do Rincão dos Maia apareceu, nos discursos, a ausência de busca pelo acesso às políticas. Essa é uma questão que parece ser consequência das formas com que as políticas públicas chegam até as pessoas. Para não terem sua “carência” reafirmada na ação benevolente do Estado que, ao colocar em circulação bens que possam carregar consigo uma intenção, ao contrário de incluir, acaba por inferiorizá-las, as pessoas evitam algumas políticas públicas.

A busca pelo acesso à política pública ocorre quando percebem o bem como uma doação de direito. Foi após as primeiras casas, provenientes do programa Federal, ficarem prontas, que as pessoas do Rincão buscaram a prefeitura para se cadastrarem, “aí todos queriam”, como comentou o servidor público. Desse modo, a política pública passou, assim, a ser percebida como sendo de todos.

A fala do seu Pedro permite que faça tal interpretação, pois, ao relatar uma tentativa de acesso às políticas sociais devido a um acidente que o impede de trabalhar ele deixa transparecer a sua percepção sobre a lógica de ação do Estado, uma lógica que ele não aceita participar, pois para tal precisaria ser “um infeliz”:

Se eu tivesse um ranchinho de tábua e talvez tivesse uma patente como antigamente eles tinham aquelas patentes e não tivesse um galpão aí na volta, que ela [agente público] visse que eu era um “infeliz”, aí eles vinham e faziam um banheiro para mim. Agora como eu trabalhei e não tinha e estava retirado, eles não poderiam fazer isso esse tipo de coisa. (Seu Pedro, grifo nosso).

Na paisagem do Rincão dos Maia tem sido cada vez mais comum o que as fotografias a seguir representam: a casa antiga beirando a casa nova (Figura 29) e a casa nova beirando a estrada (Figura 30). Escolhas que representam a chegada das políticas públicas no lugar e a permanência de modos de reprodução econômica e social.

¹¹ Em observação realizada junto a uma das secretarias municipais de Canguçu, nos deparamos com os servidores públicos atendendo as pessoas literalmente de portas abertas. Se o sujeito não conseguia resolver seu problema com o servidor que cumpria os protocolos dos programas federais ele dirigia-se a outro hierarquicamente superior que dava outros encaminhamentos para as demandas dos carentes.

Figura 29: Casa sendo construída por intermédio do Programa Minha Casa Minha Vida.

Figura 30: A casa e a estrada: aproximações econômicas, políticas e sociais.

Outros elementos que se unem para compor a descrença nas políticas públicas parecem dizer respeito à invisibilidade que, por muito tempo, o rural teve frente ao Estado. Ou, por outro lado, experiências de visibilidade que provavelmente tenham potencializado relações hierárquicas, que os colocaram na posição de “dever favor”, não mais para o patrão, mas para o político. Seu Lorenzo, ao relatar como foi à ação do programa do SUDESUL, lá no início dos anos 1980, comenta que as pessoas, inicialmente, desconfiaram da proposta de funcionamento desse programa público, pois, acostumados serem recebidos com grosserias ou ficar “devendo favor” aos agentes públicos, nunca tinham sido chamados a participar de uma ação estatal na posição de protagonistas, dado que eram invisíveis enquanto cidadãos. O que emerge é o questionamento se as Políticas Públicas, da maneira como se inserem nas dinâmicas locais são promotoras de autonomia ou enfraquecem ainda mais os laços sociais que mantém as pessoas unidas. Haja vista que, como pudemos ver na localidade as dinâmicas tem implicações de uma historicidade que está sempre se renovando e se reinventando.

Considerações Finais

As imagens de alguns elementos da ruralidade de Rincão dos Maia se constituiu em um exercício de escrita narrativa conduzida pela análise das imagens produzidas em um contexto de pesquisa. Espaços de vida foram captados por meio dessas imagens e contribuíram para a reescrita do mundo rural, pela sensibilidade e abertura para a relação com o outro. Olhares sensíveis que, mesmo sendo fixos, revelam substratos sociais que expressam dinâmicas próprias.

As imagens permitiram, ao longo de pesquisas etnográficas, estabelecer relações, evidenciar a experiência do encontro dos pesquisadores com interlocutores de universos distintos do seu, e revelar tentativas de aproximação de um universo familiar a partir de um olhar distanciado.

Nesse sentido, implicaram em constante reflexividade ética, pelo tipo de relação com os participantes, sendo que os dados gerados foram mediados pela subjetividade do participante em contato direto com a subjetividade do pesquisador. Visões de mundo, ética e relações estéticas se encontram e são imprescindíveis para a compreensão: “pois

o que se pode compreender de uma linda flor de pessegueiro a beira de uma estrada de chão?”

Para compreender, é preciso reconhecer...

Figura 31: O que se pode compreender de uma linda flor de pessegueiro a beira de uma estrada de chão?

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo *et. al.* *Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios*. 2. ed. Brasília: Unesco, p. 101, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 112, 2005.
- BENTO, Claudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1983.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estud.Soc.Agric*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, p. 163, 2000.
- FIALHO, Marco Antonio Verardi. *Rincões de pobreza e desenvolvimento: interpretações sobre comportamento coletivo*. 2005. 213 f. Tese (Doutorado em Sociologia Rural) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- GERHARDT, Tatiana Engel et al. Paisagens, pessoas e vidas rurais: imagens de um espaço de vida. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 345- 374, ago/dez, 2015.
- KUSCHNIR, Karina. Antropologia e política. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 22, n.64, p. 164-167, jun. 2007.
- MARTINS. José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, p. 210, 2011.

- MARTINS, José de Souza. A crise do imaginário rural brasileiro. In: MARTINS, J. S. Uma Sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, p. 127-38. 2014.
- MENDRAS, Henri. *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 236, 1978.
- MENEZES, Marilda Aperecida de. Reciprocidade e campesinato: uma releitura de James Scott, Enrique Mayer, Antonio Candido e Emilio Willems. In: MARTINS, P.H.; CAMPOS, R.B.C. (Org.). *Polifonia do dom*. Recife: Ed. da UFPE, p. 209-33, 2006.
- RAMOS, Mariana Oliveira. *A “comida da roça” ontem e hoje: um estudo etnográfico dos saberes e práticas alimentares de agricultores em Maquiné (RS)*. 2007.172f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- RUIZ, Eliziane Nicolodi Francescato.; GERHARDT, Tatiana Engel. Políticas públicas no meio rural: visibilidade e participação social como perspectivas de cidadania solidária e saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v.22, n.3, p. 1191-1209, 2012
- RUIZ, Eliziane Nicolodi Francescato. *Relações sociais nas situações de adoecimento crônico no rural: expressões de cuidado e de sofrimento na perspectiva da dádiva*. 213.210f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- SABOURIN, Eric. Práticas de reciprocidade e economia da dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. *Raízes*, Campina Grande, v. 8, n.20, p 41-9, nov. 1999.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SARTI, Cynthia Andersen. O lugar da família no programa de saúde da Família. In: TRAD, L. A. B. (Org.). *Família contemporânea e saúde: significados, práticas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 91-103, 2010.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, p. 328, 2009.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estud.Soc.Agric.*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 87-145, out. 2000.
- WOORTMANN, Ellen Fenterseifer. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades ‘pesqueiras’ do nordeste. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.18, n.7, p.41-61, fev.1992.

Recebido em: 12/11/2015.

Aprovado em: 07/03/2016.